



ID: 94411177

31-07-2021





# AGRICULTORES NA VANGUARDA DA PROTEÇÃO AMBIENTAL

A 8.ª edição do AgroIN foi dedicada à agricultura sustentável, mas rentável e altamente profissionalizada.

Texto . Sara Pelicano

Fotos . Colorama



A partilha de práticas agroecológicas esteve em destaque nesta edição do AgroIN



A estratégia para a valorização da agricultura foi apresentada por Luís Souto Barreiros



Ecogestão foi o tema em debate na última edição do AgroIN, um congresso onde ficou presente que a agroecologia é um caminho sem volta e que está no centro das preocupações dos agricultores, que estão a assumir algum vanguardismo no que respeita à conservação do solo e da água, essenciais à sua atividade, mas também no conhecimento da biodiversidade das suas explorações.

Humberto Delgado Rosa, da Direção-Geral do Ambiente da Comissão Europeia, falou das políticas ambientais, nomeadamente da Estratégia Europeia para a Biodiversidade para 2030 da União Europeia. Um pacto “ambicioso e realista”, nas palavras do responsável europeu. Humberto Delgado Rosa comentou ainda a nova Política Agrícola Comum (PAC), que se apresenta ainda mais ecológica, como “tendo bom potencial” para acelerar a transição para práticas mais amigas do ambiente. Neste tema, o diretor para o Capital Natural, salientou os ecorregimes, uma “novidade importante” que “aplicam uma lógica de desenvolvimento rural nos paga-

mentos diretos”. Trata-se de um mecanismo voluntário para os agricultores, mas obrigatório para os Estados-membros, que têm de os promover. Estes ecorregimes, explica, “visam disponibilizar parte dos pagamentos diretos em função dos melhores resultados e esforços para certos fins ambientais”. Humberto Delgado Rosa deixa o apelo para que os ecorregimes “não sejam iguais”, defendendo que “deve haver mais dinheiro conforme o esforço é maior ou não. Há de haver zonas e objetivos que requerem ecorregimes mais exigentes do que outros”.

“

A sustentabilidade é quase uma inevitabilidade para o mundo agrícola.”

Humberto Delgado Rosa, Direção-Geral do Ambiente da Comissão Europeia



Catarina Pinto Correia falou da sustentabilidade nas compras públicas

Questionado sobre os critérios de intensificação na agricultura, muitas vezes encarada de forma negativa, Humberto Delgado Rosa, recorda que não é contra a intensificação, salientando que esta tem de ser feita de forma sustentável e ecológica. “A sustentabilidade é quase uma inevitabilidade para o mundo agrícola”, conclui. É neste caminho que a agricultura nacional segue.

### Agricultores ecologistas

A agricultura de precisão surge como um forte aliado para empreender práticas agrícolas sustentáveis e que permitem utilizar o solo e a água de forma eficiente e ecológica. José Palha, do Monte Santo Isidro, afirma estar convencido de que “podemos alimentar a população crescente e ser sustentáveis”, por isso, na sua exploração, tem vindo a implementar um conjunto de práticas de agricultura de precisão que ajudam no caminho de produzir em quantidade, mas de forma sustentável e com rentabilidade.

Neste sentido, nasceu o projeto Segunda Via – Intensificação Ecológica da Agricultura. A iniciativa, que resulta de uma candidatura ao Fundo Ambiental, em maio de 2020, foi iniciada em setembro de 2020 e tem como objetivo conhecer os serviços de ecossistema existentes e desenvolver infraestruturas ecológicas, reabilitando habitats e biodiversidade, gerando um impacto positivo na exploração agrícola. Neste âmbito, José Palha instalou 60 caixas-ninhos para atração de morcegos e aves insetívoras. Um mês e meio após a instalação, verificaram que “80% das caixas já estavam ocupadas”. José Palha acredita que com estes recursos será possível “encontrar um compromisso de utilização de fitofármacos e destes serviços do ecossistema”. O agricultor criou faixas de atração de polinizadores com sementeira de flores e arbustos. Apanharam os insetos dentro e fora da faixa para poder “medir exatamente o que temos”. “Assim, percebo com aquela faixa que quantidade de polinizadores tenho”. Ainda sem resultados finais, já notam um



## A agricultura de precisão em debate



aumento destes insetos. José Palha aplicou ainda a técnica dos sacos de chá na terra. Esta técnica foi desenvolvida no âmbito do projeto *TeaComposition* que decorreu em 336 locais no mundo. O objetivo foi enterrar sacos de chás em diferentes condições para estudar como as condições climáticas e ambientais influenciam a decomposição das folhas mortas de plantas caídas no solo, feita com a ajuda de microorganismos, fungos e bactérias.

Tudo isto é realizado sem perder o foco da rentabilidade, “porque é importante que os agricultores continuem a ganhar dinheiro”.

A mesa-redonda contou ainda com a presença de Patrícia Cotrim, do Centro de Excelência Ag-Innov, que partilhou a estratégia de sustentabilidade que o Grupo Ortigão Costa está a implementar. As medidas adotadas são em muito semelhantes às do agricultor José Palha. O tomate para indústria, sendo a principal cultura do grupo, traz preocupações acrescidas e é nela que concentram alguns esforços. “Temos plantações no modelo tradicional, sem

rotação e sem cobertura, e temos um modelo de rotação com girassol e com cobertura e práticas de conservação do solo”, explica Patrícia Cotrim. Ainda não foi possível obter resultados, o que deverá acontecer entre três a cinco anos. Uma outra iniciativa prende-se com economia circular, ou seja, utilizar os resíduos de nogueira para controlo do nemátodo do tomate. Este projeto está a ser desenvolvido em parceria com a Universidade de Coimbra que, em laboratório, tem estado a obter bons resultados.

Lígia Santos, viticultora na região do Dão, partilhou também a sua experiência de implantação de uma vinha biológica, numa determinada parcela da sua exploração agrícola, que não correu como expectável. A experiência levou a uma mudança de planos e decidiu-se olhar para a exploração como um todo, que é composta por vinha, medronheiros, carvalhos.

Joaquim Freire de Andrade, da Sinvepart, sublinhou uma das motivações para empreender várias estra-



## Estratégia para a digitalização da agricultura

O Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP) organizou uma equipa de trabalho para elaborar a Estratégia para a digitalização da agricultura, no âmbito do PEPAC – Plano Estratégico da PAC 2023-2027. Luís Souto Barreiros, coordenador deste projeto, alertou para “o papel fundamental” da digitalização que pode “ajudar a agricultura no desafio de produzir para uma população crescente e não comprometer a sustentabilidade. Produzir mais com menos”.

No desenvolvimento deste trabalho foram identificados pontos fortes e fracos do país, bem como objetivos e tarefas a aplicar para os alcançar.

### Pontos fortes

- Maior predisposição para recursos a prestadores de serviços como substituição de custos fixos por variáveis, importante para adaptar novas tecnologias que estão sempre a evoluir;
- Experiência ao nível da investigação, acesso gratuito aos dados;
- Existência de prestadores de serviço especializados.

### Pontos fracos

- Identificámos recurso a práticas de gestão reduzidos;
- Falta de mão de obra especializada;
- A conectividade;
- Maior dificuldade de incorporação de tecnologia e conhecimento nas pequenas e médias explorações;
- Um setor pouco profissionalizado, baixa cultura da utilização de sistemas de informação.

### Oportunidades

- A digitalização surge como oportunidade de atingirmos simultaneamente objetivos de produção, aumentando a margem e competitividade, mas também os objetivos ambientais, otimizando os recursos e diminuindo o impacto ambiental.

### Objetivos

- Promover a transferência de tecnologia, aconselhamento, extensão e partilha de conhecimento;
- Melhorar as competências digitais, conectividade, melhoria do contexto para a digitalização e transformar dados de informação de apoio à decisão.

As medidas que que devem ser implementadas para alcançar estes objetivos passam por incentivar as OP como centros de difusão da tecnologia, criar uma rede de explorações inovadoras, promover a adoção de tecnologia variável e centros de competências da digitalização; reforçar as competências de gestão, formação destinada a agricultores e técnicos em agricultura de precisão; adotar medidas de permitam medir a pegada hídrica e de carbono, importante para desmistificar ideias erradas da agricultora.

“O primeiro passo para a digitalização é recolha de informação e devemos começar por aqui para difundir a digitalização e promover redes de partilha de dados entre administração pública e privados. Devemos criar uma plataforma que integre informação de base geográfica revelante e é fundamental que haja confiança na partilha dos dados”, diz Luís Souto Barreiros.

tégias de agricultura de precisão e de conservação do solo: “Deixar a terra para as gerações futuras”. Esta permissão é, de resto, transversal a todos os intervenientes. O empresário agrícola conclui que “a ótica da sustentabilidade é poupar dinheiro”.

“

A ótica da sustentabilidade é poupar dinheiro”.

Joaquim Freire de Andrade, Sinvepart



Mesa-redonda Sistemas agroflorestais

## Digitalização na agricultura

O painel reunido para falar sobre a tecnologia na agricultura mostrou a diversidade de soluções que existem. Os agricultores presentes revelaram como é possível fazer agricultura de precisão sem grandes investimentos e como nem sempre a solução mais cara é a melhor. David Carvalho, da Veracruz, refere precisamente esse aspeto. Comprou em tempos equipamento caro que não se revelou eficaz, mas isso não o fez desmotivar e continuou a investir. A título de exemplo falou da tecnologia suíça que permite poupar até 20% de água. Trata-se de um processo de ionização de moléculas de água que envolve campos de ressonância enviados da unidade de controlo para as unidades de tratamento. Este processo permite melhorar a humidade da água nos solos, permanecendo mais tempo na raiz da planta e à sua volta.

Quando iniciou a sua exploração, em 2012, Luís Caetano, da Kiwi 1000, também teve como objetivo implementar a agricultura de precisão. Os pri-

meiros passos não foram fáceis e sentiu-se até um pouco cético, mas o tempo, a pesquisa e o parceiro certo levaram-no a continuar a apostar e hoje tem a sua cultura altamente monitorizada, tal como a gestão dos recursos humanos.

Os investigadores também subiram ao palco para mostrar como vai o futuro da tecnologia. Filipe Santos, do INESC TEC, assegura que os robôs vão fazer cada vez mais parte do futuro. O foco deste centro de investigação é desenvolver tecnologia que possa depois ser comercializada por empresas, mas acima de tudo que dê resposta à realidade agrícola nacional, de pequena e média dimensão.

## A floresta e a ecologia

A UNAC – União da Floresta Mediterrânica e o Instituto Superior Técnico desenvolveram o projeto Ecolpol com o objetivo de melhor conhecer o montado em Portugal e os serviços de ecossistema que o mesmo presta. António Gonçalves Ferreira, da UNAC, explicou que “há no montado uma pro-



Miriam Mascarenhas, Herdade dos Grous

posta de valor muito interessante de parte substancial do nosso território” e que para potenciar esse valor é necessário que haja “instrumentos de política”. “Não queremos que a base de sistema produção do montado seja baseado exclusivamente em pagamentos de serviços do ecossistema”. O mesmo responsável explicou que propõe neste projeto um ecorregime de montado com um incentivo financeiro calculado pela perda de previsão dos serviços de ecossistema de carbono que poderá variar entre 112 e 140 euros por hectare.

António Gonçalves Ferreira lembrou ainda que o montado é uma barreira à desertificação, promove o emprego, contribui para a proteção da biodiversidade, contribui para o combate às alterações climáticas e para o uso sustentável dos recursos.

“No último inventário florestal nacional desapareceram 148 000 hectares de montado, 20% da área de montado perdeu-se ou por uso excessivo ou por falta de uso”, por isso urge “ter medidas que promovem a manutenção do montado”, conclui.

A apresentação serviu de mote para a conversa onde se alertou sempre para a importância de não

olhar a floresta apenas como um sequestrador de carbono e forma de proteção ambiental, mas também manter presente a importância de ser economicamente viável.

Francisco Gomes da Silva, da CELPA, lamentou que “nos centros de decisão europeus e nacionais se passa a mensagem de que aquilo que tem base económica é menos legítimo do ponto de vista ambiental do que aquilo que não tem”. O mesmo responsável sublinhou que existem eucaliptos, pinheiro-br-

“

Nos centros de decisão europeus e nacionais passa-se a mensagem de que aquilo que tem base económica é menos legítimo do ponto de vista ambiental do que aquilo que não tem.”

Francisco Gomes da Silva, CELPA





“

O balanço da pegada de carbono pode permitir uma melhor gestão dos recursos naturais e da energia, minimizar a produção de resíduos, proteger o ambiente, prevenir a poluição, mitigar as alterações climáticas, travar a perda de biodiversidade e melhorar o desempenho das empresas e diminuição de custos.”

Miriam Mascarenhas, Herdade dos Grous

vo e manso, sobreiros, loureiros e outras espécies porque “geram valor económico direto”, sem, no entanto, deixarem de ser geradores de serviços de ecossistemas. Assim, deixou uma pergunta: “Porquê desperdiçar este ativo económico que temos e que dá aporte positivo do ponto de vista ambiental?”.

Francisco Almeida Garrett, da Herdade do Conqueiro, e Frederico Barreira, do Grupo José Pedro Barreira, falaram da importância de abordar as explorações como um todo, aproveitando de alguma forma todas as parcelas, criando condições para a nidificação de aves, colocando no montado espécies que não causem maior impacto, construindo margens funcionais, entre outras tarefas que permitem de alguma forma rentabilizar os terrenos, seja gerando receita direta, seja aportando ao ambiente mais-valias. 🌱

### Pegada carbónica: tornar explorações eficientes e ter fator de competitividade

A Herdade dos Grous, no Baixo Alentejo, conta com 1100 ha no total, divididos entre 130 ha de vinha, 140 ha de olival, 120 ha de montado, 240 ha de pastagens permanentes biodiversas, 15 ha de pinhal, 90 ha de barragem, 70 ha de área para produção de forragem e 50 ha de áreas de pousio para rotação. O compromisso sempre foi produzir de forma sustentável, por isso, empreenderam também há uns anos o caminho de determinar a pegada carbónica. “O balanço da pegada de carbono pode permitir uma melhor gestão dos recursos naturais e da energia, minimizar a produção de resíduos, proteger o ambiente, prevenir a poluição, mitigar as alterações climáticas, travar a perda de biodiversidade e melhorar o desempenho das empresas e diminuição de custos”, pormenorizou Miriam Mascarenhas, da Herdade dos Grous. Em 2018, avaliaram as emissões de dióxido de carbono equivalente nas fases de viticultura, vinificação, embalamento e distribuição. O embalamento é a fase que tem maior peso nas emissões de CO<sub>2</sub> equivalente por garrafa, muito

devido às emissões associadas ao ciclo de vida da garrafa de vidro; o setor com mais pegada de carbono a seguir é a viticultura.

Perante estes dados, era tempo de tomar medidas, começaram então pela redução do peso das garrafas em cerca de 70% da produção. “Uma redução de 115 gramas de garrafa num universo de 430 500 garrafas correspondem a uma redução de aproximadamente 50 toneladas de resíduo de vidro por ano e que vai permitir evitar a emissão de 50 toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente”, explica Miriam Mascarenhas. No embalamento também procederam a mudanças, optando por rolhas de cortiça natural, caixas de madeira ou cartão. No campo, não utiliza herbicidas e, entre outras iniciativas, promovem o enrelvamento espontâneo. Definir tudo isto conduziu à certificação; com ela, na Herdade dos Grous acreditam que “será possível abrir novos mercados, garantir durabilidade do negócio, promover o Alentejo e os vinhos nacionais e aumentar a confiança do consumidor pelo processo produtivo”.